

# À VANTAGE



## REVISTA POPULAR DE ORIENTAÇÃO RACIONAL

SUMÁRIO

N.º 6

A FÓRMULA AUTORITÁRIA, *Anjelo Jorje* — CONSIDERAÇÕES... ECONOMICAS... *José Carlos de Sousa* — O CLAMOR DAS VIRGENS, *Oliva Bridgman* — O QUE DEVEMOS FAZER, *Ismaelita* — AMOR LIVRE, *sonetos de Coriolano Leite* — A FICÇÃO «DEUS», por *Dikran Elmassian* — ESPEDIENTE — ESTRATOS E PENSAMENTOS.

Proprietario e diretor: *Pinto Quartim*  
Redação e administração: *Rua dos Mouros, 30, 2.º* — LISBOA

Proprietario e Director  
PINTO QUARTIM

TIP. PUBLICIDADE, DE BANTON & C.<sup>a</sup>  
147, R. do Diário de Notícias, 151

LISBOA

AMÁLIA

Séde provisória da  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
R. dos Mouros, 30-2.<sup>o</sup>

LISBOA (PORTUGAL)

Revista popular de orientação racional

I SÉRIE

Lisboa, 15 de Agosto de 1909

NÚMERO 6

## A fórmula autoritaria

Saído apenas das cavernas primitivas, mal despido ainda da pura animalidade ancestral, o homem tornou-se no algôz do proprio homem — fenómeno estranho que interrompeu, deturpou, as livres manifestações da evolução biolôgica da especie.

A vida humana fez-se um acérvo de angustias e de torturas, e a terra mudou-se como que num imenso manicómio onde milhões de homens sem razão se debatem em fúria, e, como féras, mutuamente se rasgam as entranhas.

Triunfo dos mais bem adaptados e, em tal caso, fenomeno inerente á propria fragorosa «luta pela vida»?

Não. Triunfo da astucia, da maldade, da hipocrisia e do crime: pavorosa inversão das mais puras e nobres modalidades da Vida.

O *struggle-for-life*, interpretado por um falso cientismo pretensamente aborreado em Darwin, é um erro.

A luta vital, em principio, é a constante apreciação das forças da Natureza pelos homens para determinação duma lojica e racional evolução especifica, e não a vitoria fatal e absurda dos fortes contra os fracos que o são mercê, precisamente, das interrupções ou desvios que essa mesma evolução sofreu.

A luta das espécies não é, de forma alguma, a guerra de irmão contra irmão. Não se devora o lobo ao proprio lobo.

A antropofajia? Bem sei Mas isso significa, tão só, a primitiva animalidade estreme do homem, e seria ilojico que as fórmas estruturais da sociedade não evolutissem á medida que a especie, sob todos os aspétos, vai evolutando. Justificar a luta moderna do forte contra o fraco — do capital contra o salario, da autoridade contra o governado — com a antropofajia, o mesmo seria que justificar as carica-

tas fantasmagorias da liturgia católica com as antigas crenças geocêntrica e antropocêntrica, ou com a desfeita lenda da Criação segundo a Bíblia.

Certo é que essa terrificante luta do forte contra o fraco — triunfo da astúcia, da maldade, da hipocrisia e do crime — se fez a lei intrínseca, essencial da Vida. A fórmula autoritária foi criada. E a breve trecho o Estado a concretizava numa monstruosa abstracção.

O atavismo, depois, fez o resto. O cérebro humano foi-se amoldando insensivelmente, inconscientemente, ás novas e desordenadas formas vitais introduzidas pelo Estado, e a grande, a suprema superstição, a maior de todos os tempos, tomou corpo nos espiritos — a superstição política.

Ainda hoje, que a crítica ao Estado se acha vitoriosamente feita e a sua nocividade incontrovertidamente demonstrada, o apêgo á fórmula autoritária se manifesta por banda das multidões como por parte de quasi todos os crêdos filosofico-sociaes.

Caíram os velhos deuses do politeísmo ante o camartelo da razão e do livre-exame; a antiga omnipotencia do padre é cousa morta já; a lenda da Criação desfez-se como no ar uma bola de sabão; as convenções sociaes, as leis, os costumes, as ideias e os sentimentos, a cada hora estão passando pelo cadinho da critica mais percuciente:—a fé na legitimidade e na omnipotencia dos governos, o respeito por uma anaerónica fórmula autoritária, essa é que se não estinguuiu ainda, porém antes, dia a dia, recebe a adesão de novos, inconsiderados espiritos. E o que mais fortemente nos espanta é que as proprias escolas que inscreveram em seus programas a abolição do Estado e se dizem plenamente libertadas da superstição politica, se revelem por igual aferradas, no seu modo d'acção pratica, a essa antiquada fórmula opressiva.

*«Só será legitimo o Estado para eliminar o proprio Estado. E' o caso do socialismo»* — proclama-se.

Não, não. O Estado não é nunca legitimo. O Estado não cura nunca de eliminar o proprio Estado. Não se devora o monstro a si proprio. O principio homeopatico — *similia similia curantur* — só tem, em terapeutica social, uma util applicação: a referente á violencia das classes pre-

ponderantes: a violencia cura-se com a propria violencia. No resto, não.

Se é certo que o Estado representa a fórmula opressiva das minorias sobre as maiorias, parece, na verdade, á primeira vista que, conquistado esse reduto por essas maiorias, estas o teriam implicitamente destruido. Em tal caso o Estado deixaria de ser o Estado: pereceria, diluir-se-ia no ambiente coletivo.

Não ha nisso, porém, mais do que uma espalhafatosa logomaquia.

*Estado* quer dizer *minoria organizada*. A sua quietude, a sua inércia perante os movimentos progressivos e fecundantes da Vida, é a sua propria razão de ser. *Estado e opressão* sinonimizam-se. Ou o Estado subsiste consoante é — concretização da fórmula autoritaria imposta por uma minoria sobre uma maioria — ou o Estado deixa de ser o Estado. Estado conquistado por maiorias é cousa sem sentido. Estado que se destroe a si proprio é utopia de injenuos. Estado que determina a eclosão duma modalidade social nova em que a morte dêle mesmo é ponto fundamental, causal, é um deploravel erro de visão que nada justifica.

O erro do «socialismo parlamentar», no lance, é verdadeiramente palmar.

O Estado sofre, como todos os outros organismos sociais, a influencia permanente da evolução. Evolução que nêle é regressiva.

Alguns, deixei já apontado o problema. A evolução regressiva manifesta-se num organismo ou instituição social por uma diferenciação limitadora dos seus poderes ou atribuições. A fórmula autoritaria evolue, pois, regressivamente desde que nela começou de se revelar uma diferenciação nos seus vários modos-de-ser. A passagem do absolutismo pãra o constitucionalismo, o presidencialismo, o sufragio universal, a queda do principio do poder hereditario dos reis, etc., são já as modificações regressivas dos primitivos poderes do Estado.

Mas tais modificações diferenciadoras não trazem consigo decisivos melhoramentos á estrutura social, cujo erro d'origem consiste no principio iniquo da propriedade pri-

váda que atravez delas sempre subsiste. Nem tais modificações deixam supor, tão pouco, que a fórmula autoritaria traga a morte dentro d'ela propria. Não é o Estado eliminando o proprio Estado. É o Estado cedendo terreno ante a ação direta e revolucionaria das multidões.

Certo que o advento do 4.<sup>o</sup> Estado, já agora inevitavel, será bem o termo da evolução regressiva que se opera ha seculos quanto á concretisação abstrata da chamada fórmula autoritaria. Mas menos verdade não é que a abolição total do Estado só se terá efetuado quando as multidões, desiludidas, pela pratica, das teorias do socialismo parlamentar, tiverem imposto pela violencia a anarquia pura, franca e decisiva.

E se as massas trabalhadoras a quem o problema interessa particularmente, tivessem já, por uma perfeita educação filosofica, consciencia plena da sua missão, o termo da evolução regressiva do Estado seria já a Republica burgueza dentro dela tendo de se efetuar o largo movimento revolucionario que nos levará á perfeita e autentica Liberdade.

O socialismo parlamentar, que significa, tão só, um élo a mais, o ultimo porventura, da cadeia evolutiva-regressiva do Estado deve, portanto, a sua ezistencia como teoria e como modo d'ação revolucionaria, ao mesmo fenómeno a que os vários principios politicos devem a sua formação: —á incompleta educação filosofica e social das classes trabalhadoras e oprimidas.

*Abaixo o Estado! E' essa a revolução em que tomarei parte!* —gritou um dia esse revolucionario espirito simbolista que criou os *Espetros* e o *Inimigo do Povo*.

Abaixo o Estado! —gritamos nós tambem, porque o Estado é a inércia das formas criadas quando o movimento é a lei fundamental da Vida; porque o Estado é o crime, a opressão, a tirania, o absurdo, a iniquidade!

Em nome da verdade, em nome da justiça, em nome da igualdade: que o Estado cáia! E para que o Estado cáia, passando d'alto por sobre todos os principios transitorios, continjentes, temporais que apenas determinam modificações, embora de carater evolutivo-regressivo, nos seus vários modos-de-ser, nos seus aspétos, nas suas atribuições, olhemos ao lonje, muito ao lonje, pára o

alto, muito pâra o alto, na noute profunda dos tempos do Futuro onde a Libérdade plena e autentica refulje em todo o seu esplendôr.

Anjelo Jorje.

## Considerações . . .

### economicas . . .

#### III

*RIQUEZA*— Dizem os economistas que riqueza não é o ter muito dinheiro ou possuir muitas terras: quem possuir propriédades no sertão d'Africa, pode não ser tão rico como o que as tiver no Minho, por ezemplo, se essas terras não encerrarem minas, não produzirem vejetação, não sôrem cortadas por veias d'aguas; em fim, se não sôrem dotadas de quaisquer qualidades apreciaveis e se não houver braços para as laborar. Assim o preto não é rico, embora disponha de largos tratos de terreno, cortados de mananciais de cristalinas aguas, tendo minas de pedras preciosas ou de metais uteis, se não pudér ou não quizer explorar essas terras. . .

Mas. . . pergunto eu, o homem que tem tudo quanto baste á sua ezistencia—seja éla a de um selvajem—não é, por esse facto, rico? Vive como um animal, dir-se-á; mas vive conforme quer! e quantos desse bem não desfrutam nas sociédades civilisadas?!

A idéia de riqueza tal qual os economistas. . . officiais. . . a concebem, só pode ezistir na organização viciosa das sociédades atuais, e por isso a riqueza só de mui poucos é privativa—e é o que se pretende. . .

Os ditos economistas, quando falam de riqueza, não se referem á que uma certa classe ou um determinado indivíduo, possue; mas á que é patrimonio da nação; quero dizer: se representarmos essa riqueza por 1:000, os economistas. . . officiais não se importam de saber se toda a comunidade, isto é, todos os seus membros possuem, cada um, a sua quota parte de 1:000 ou se este 1:000 é propriédade de mui poucos d'êles. Os tais economistas dizem: a riqueza de tal paiz é 1:000 e se esta cifra aumenta, êles dizem que o paiz prospéra, ainda que haja enorme miséria.

Para ezemplo d'esta situação economica serve a Inglaterra onde ha fabulosa riqueza a par de incomensurável quantidade de famintos... e a Inglaterra é um paiz rico!

A ciencia economica... official, além disso, préga:

*A riqueza deve ser limitada em quantidade.*

Já aquêlé *deve* vale um mundo de reflexões...

Pois se *deve*, é porque *não é limitada naturalmente*: quem a limita é o artificio (ia a dizer o espirito ladravaz...) da ciencia economica official...

O que é certo é que fazem a diligencia de rarear, por qualquer forma, a ezistencia de qualquer produto: já retirando-o do mercado, sonegando-o á espera de época propicia; já suspendendo a laboração nas oficinas ou nos campos sob a máscara de crise; já inutilizando, propositamente, o produto para que êle escassei, ou deixando-o apodrecer, ou queimando-o, destruindo-o por qualquer forma em fim, ainda que haja milhões de nus que precisam vestidos, milhões de esfomeados que anceiam por comer, milhões de infelizes privados de tudo:—porque (lá diz a ciencia official) *se possuirmos de um objêto tudo quanto desejamos, não nos interessa nada possuirmos mais alguma quantidade desse objêto.*

A ciencia, esta ciencia de chavelho, confessa, por estas palavras cinicas, com todo o descaro, que espolia e esfomeia muitos em proveito de poucos para obrigar aquêles a comprarem a estes o produto pelo preço que os ricos detentores da *riqueza limitada* quizerem.

E estes economistas, cujos olhos não vêem senão o monte dos factos no seu grosseiro aspêto, com aquêla *largueza de vistas* que tem quem goza os proventos do trabalho alheio sem curar de saber se ao arrecadar tais proventos esmagou alguns miseraveis, lhes estorquiou o bem estar, os lezou na sua saúde, os espoliou da sua fazenda, são, ao mesmo tempo, de uma *injenuidade*, de uma *infantilidade* pasmosas!... Assim, tratando das riquezas naturais e produzidas, *gratuitas e não gratuitas*, dizem êles, ocupando-se das terras: *que sendo estas riquezas naturais, não são gratuitas nos paizes em que o territorio está todo ocupado: para lhe aproveitar todos os contentos foi necessario, efetivamente, garantir a posse aos individuos seus propriêta-*

rios, já por doações feitas por anteriores donos, já porque (e este é o caso mais vulgar) foram adquiridas pelos seus antigos possuidores em troca de outras riquezas.

Vêem como êles, estes economistas filósofos, são injénuos? Nestas alturas partem do principio de que inicialmente a natureza fez A, B e C proprietários das terras, e todo o resto do... abecedario... deixou-o a tinar; ou então, a sua *infantilidade* leva-os a crer que as conquistas, base iniqua das sociedades, são também *troca*...

Nesta base inicial das sociedades e, por consequencia, de toda a ciencia economica destes filósofos, é que êles não tocam. Fazem-se *esquécidos*: pois no dia em que *caissem* em dizel-o, a justiça restabelecer se-ia na terra e adeus teorias económicas cuja razão de ser está nos atropêlos desde remotas éras, os quais, pela sua persistencia, deram por assim dizer, *normalidade* ao viver das sociedades — a normalidade do abuso da injustiça... JOSÉ CARLOS DE SOUSA.

### O clamôr das virjens

Os homens adoram-nos e as mães vijiã-nos. Nós, sonhadôras, pensamos no amôr. A tunica branca que nos envolve, é debil mortalha que esconde um tesouro.

Da carne fresca e sã, as formas modela. Esplendidas formas que, puras, escondemos. Ao encontrarmo-nos sós, lonje de outro olhar, nossa carne semi-rozada acariciamos com prazer infinito.

Sômos virjens!... Sômos virjens!... Sômos virjens... forçadas por leis malditas que nos convertem em escravas!...

Os prazeres e delicias que o nosso cerebro sonha, de noite e de dia procuramos delirando. Brevissimos instantes nos dura a felicidade alcançada. Mas, enquanto dura, perdemos a noção do mundo que nos cativa, das flôres que adoramos e das dôres que nos torturam. Só d'Ele nos lembramos!...

D'Ele, uma sombra que a alma venera. D'Ele, que em nós também pensa e não menos. D'Ele que, ao encontrar-se só, sem amada, quer também gozar e goza os prazeres do Amôr.

Porque nos hão-de sujeitar as leis? Porque, sempre oprimidas, conservamos a pureza das carnes palpitantes! As palavras austeras não apagam o calôr do nosso sangue! Deixemos os instintos em liberdade!...

Pâra que a alma seja virjem, é o corpo obrigado também a sê-lo? Oh! não; tornemo-nos livres, gozemos do Amôr!... A túnica branca que nos envolve, rasguemo-la!... E' mortalha que esconde um tesouro! OLIVA BRIDGMAN.

## O que devemos fazer

Todo o revolucionario deve orientar a sua ação, seja qual fôr o campo em que tenha de atuar, nos seguintes principios: ser conciso, claro e pratico.

Falar e escrever pouco pâra não desperdiçar tempo e pâra não enfadar os que o escutam ou os que o leem; ser claro no modo de dizer ou escrever pâra que todos o compreendam; e pratico, pâra aproveitar bem o tempo sem perda das inerjias gastas e pâra do seu trabalho tirar todos os resultados possiveis em favor da causa que defende.

Lá fóra, entre os nossos camaradas, é possivel que aconteça o mesmo que entre nós: consumir-se muito tempo em futilidades que só prejudicam os trabalhos e ás vezes mesmo o camarada que de boa fê e de boa vontade vem prestar o seu concurso á causa da ideia libertaria, que só tem o defeito de não ser compreendida pelo maior numero dos que se dizem seus adeptos. Não é nossa intenção, é claro, nem podia ser, personalizar ou recriminar alguém, mas é bem verdade que, no que dizemos, ha muito de justiça. Ha bastantes anos que os libertarios veem afirmando a sua ezistencia e êles podem contar-se já por milhares, e no entanto, a sua ação bem pouco se faz sentir ainda; e porquê? Cada um intimamente encontrará, por certo, a resposta a esta pergunta, mas é preciso que ela surja desses foros de reconduitidade para a luz franca e brilhante da verdade, e que todos tenham a sensação de que devemos concertar o nosso proceder futuro no sentido de bem aproveitar, pela converjencia, os elementos disperssos, como fatores reconstituintes do nosso organismo enfesado pelo desanimo, produto de varias causas, e imprimir novo e vigoroso impulso á propaganda. Eis o que é preciso fazer, mas como? Um ditado muito antigo diz-nos que: — todos os caminhos vão ter a casa —; mas, naturalmente devemos procurar seguir pelo mais curto e que menos obstaculos nos ofereça; portanto, vamos ver se descobrimos um que satisfaça a estas condições. Sobre este ponto poderíamos encher muitos linguados, estender indefinidamente a nossa prosa; mas, é necessario não esquecer que devemos ser

concisos, claros e praticos. Entremos francamente no caminho, aliás um pouco acidentado e tortuoso, irriçado mesmo de bastantes abrolhos que nos obrigarão de vez em quando a suspender a marcha.

Diziamos nós, que já contavamos por milhares os libertarios aqui ao nosso lado. Isto é e não é verdade. Somos muitos e somos poucos. Muitos os que se inculcam a si mesmo; bem poucos os que, pelas suas condições de trabalho aproveitavel, se impõem ao nosso conceito, e a esses poucos quantas vezes o agulhão da maledicencia e da calunia não tem torturado cobardemente.

Devemos principiar por criar e desenvolver o espirito libertario, tornar os individuos concientes da sua personalidade pãra que possam reagir contra a ação sugestiva das esteriorisações, principalmente, que são dos preconceitos os que mais influencia ezercem nas massas populares. É preciso que cada homem se não julgue nem superior nem inferior a outro homem, seja qual fôr a encadernação com que se apresente: que nenhum homem vale mais do que outro, embora favorecidos alguns pela diferenciação de misteres, que o preconceito ainda torna honrosos uns e repelentes ou servis outros, pelo que é uma iniquidade a desigualdade economica mesmo dentro da sociedade atual, porque do conjunto dos esforços e da harmonia do trabalho de todos é que se desenvolve e perpetúa o progresso social solicitado pelas crescentes aspirações da humanidade: que nenhum homem tem direitos sobre outro homem e que as lutas violentas entre si são o principal obstaculo á harmonia e fraternidade universais e tudo isto só pode conseguir-se pela instrução e educação, sobre o que falaremos noutro numero.

ISMAELITA.

Enquanto os trabalhadores confiarem os seus destinos e o dos seus filhos nas mãos de uns quantos homens de governo, não adquirirão o habito de trabalhar êles mesmos diretamente pela sua propria felicidade.

*José Prat.*

—São as almas doces e resignadas do povo que mantem o orgulho e a rudeza dos grandes.

*Georje Sand.*

# Amôr Livre

## I

*Virjens: erguei o olhar que as sombras do convento  
acostumou a andar cerrado pâra a luz.  
Deixai um instante só os éstasis da cruz,  
e enchei-vos dêste sol que brilha turbulento.*

*Virjens: deixai o altar e o solo poeirento  
e o frio sepulcral da casa de Jesus,  
e vinde, erguida a fronte e os lindos seios nus,  
pâra que o sol vos beije e vos abrace o vento.*

*Deixai na cela austera a timidez do olhar  
e vinde pâra a vida a rir e a cantar  
os canticos de amôr, de fôrça e de beleza.*

*Vinde gozar a vida em toda a plenitude  
e não faneis assim a vossa juventude  
com sonhos infantis duma banal pureza.*

## II

*A virjindade é quasi um crime. Cada seio  
deve florir num ser tal como a terra em flôres.  
Vencei o preconceito e os falsos vãos pudôres  
em que vos abismais num subitaneo enleio.*

*Dai-vos altivamente aos beijos, sem receio.  
Vida, gerai a vida e procreai amôres.  
Gloria ao tûrjido peito! Honra ds maternas dôres!  
Honra ao ventre de mãe abençoado e cheio!*

*Como na antiga Grecia estéta, rediviva,  
ó virjens, desnudai a vossa carne altiva  
e fecundai-a, apoç, num sópro de enerjia.*

*E vós, homens do amor, e vós que as desejais,  
arrancai-lhes da fronte as c'róas virjiniais,  
beijai-as livremente á grande luz do dia.*

DIKRAN ELMASSIAN

## A ficção "Deus"

Proponho-me, num estudo detalhado, examinar sucessivamente e procurar a refutação de todas as provas que, em apoio da justificação da existência de um deus, teem subministrado homens de uma competência incontestável no concernente ás ciências positivas, tais como, na antiguidade, Platão e Aristóteles, e na idade moderna, Leibnitz, Descartes, Pascal, Locke, Newton, Kant e até mesmo Voltaire e Rousseau.

Por mais instrutivo e interessante que seja um trabalho desta indole, é evidente que não pôde estar ao alcance de todo o mundo, porque ezije tempo e certa preparação prévia.

Por outro lado a concção, a ideia ficticia de um deus, ser supremo, onnipotente e omnisciente, ordenador universal de tudo o que eziste, é indubitavelmente a preocupação mais terrível e mais profundamente arraigada em nós, aquela cuja percção nos veiu mais inconcientemente e, por tanto, a mais difícil de se eliminar. Por mais que se diga que a crença numa divindade cessou de ser uma realidade, que é permitido classifica-la já entre as ficções rechaçadas para sempre e que «não devemos já ocuparmos-nos dela», por desgraça tudo isso é apenas uma ilusão.

O ateismo domina ainda na imensa maioria dos Homens como uma verdade simples e precisa, fácil e logicamente compreensível; além disso, os seus partidarios costumam apresenta-lo com uma argumentação tão complicada, tão embrulhado em considerações científicas, que a maior parte das pessoas renuncia a compreender, e prefere crêr no absurdo a lêr o tal galimatias técnico,

O meu proposito é demonstrar aqui o absurdo da concção da existência de um deus, não com provas científicas (cujo valor não ponho em duvida ainda que tenham a desvantagem de não serem geralmente compreendidas), mas escolhendo provas simples e claras, e uma argumentação que não é inferior á solidez e precisão das provas científicas e das desmonstrações geométricas, sendo além disso acessiveis ás inteliências mais rudimentares.

Julgo que assim se conseguirá que, mesmo aqueles que não possuem nenhuma noção científica, compreendam e acompanhem o mecanismo da argumentação, e que, com perfeito conhecimento de causa, possam despojar-se, sem tibezas, da concção ficticia de uma divindade.

Ha a considerar varios casos na demonstração do absurdo da existencia de um deus.

*Primeiro caso:*— Dizem-nos: «Deus, ser perfeito por excellencia, criou o mundo, o homem e tudo o que existe.»

Esta afirmação, base fundamental e objeto final de toda a argumentação teológica, contem em si mesma, pelo seu simples enunciado, todo o inconcebivel, tôdo o absurdo da existencia de um deus. Bastará para convencermos-nos disso, perguntar: *Pára que criou Deus o mundo?*

Com effeito, pára que o criou? Não podia sêr, evidentemente, porque tivesse necessidade disso pára o cumprimento de qualquer designio. Ter necessidade de alguma coisa pára cumprir qualquer coisa, é precisar de uma coisa necessaria á omnipotencia, é declarar uma impotencia, uma incapacidade. Mas sendo deus por definição um ser absolutamente perfeito, attribuir á sua obra uma finalidade qualquer e uma intenção, seria proclamar a sua caducidade. Se é, como ser perfeito, absoluto e completo, basta-se a si proprio e não tem nem pode ter necessidade de ninguem nem de coisa alguma.

Porque, pois, num momento dado, criou o mundo? E se este mundo não existiu eternamente, porque o não criou mais cedo ou mais tarde? Porque resolveu cria-lo em tal momento dado em vez de em tal outro, e o que o determinou a isso?

Se em tal num momento dado da sua existencia criou o homem e o universo, é porque propunha se a algum bem, obedecia a certo movel: fôsse pára pôr á prova o seu infinito poder, fôsse por simples distração pára assistir ás atribulações das suas criaturas. Mas como ser perfeito não podia precisar de nenhuma distração, e antes que a obra da criação fosse realizada, devia saber o processo da evolução dessa obra.

Era, pois, êsse, um trabalho absolutamente inutil e superfluo.

Pára que se empenhou em criar, apesar de tudo, uma obra de inutilidade, esse trabalho de imbecilidade, aquele a quem se supõe ser o perfeito dos perfeitos, o mais que perfeito?

Como quer que se considere o assunto, sob qualquer ponto de vista que se o ezamine, de qualquer modo que se explique, haverá que reconhecer-se forçosamente uma destas duas coisas:

Ou deus tinha um proposito qualquer, uma intenção determinada ao criar o mundo e o homem, e então se diz que um ser perfeito pode ter uma intenção, um designio,

em um momento dado, reconhecendo que precisava de algo, que não era perfeito, e por tanto não era deus;

Ou deus criou o mundo e o homem sem necessidade sem objeto, sem obedecer a nenhum movel, e então admitte-se o absurdo.

Desafio os teólogos a que saiam deste circulo.

*Segundo caso:*— Dizem-nos: «Deus é o unico ser perfeito, o único sêr eterno; o mundo criado por êle tem um *terminus*; o homem que êle criou pode dejenerar».

Se deus é perfeito, a obra por êle criada (e acaba de se ver o absurdo de semelhante suposição) ha de ser paralelamente perfeita. Porque se criasse alguma coisa imperfeita, faria-o por impotencia, e então não seria já o ser omnipotente e perfeito, ou o faria por má vontade, e então tão pouco seria perfeito não tendo entre os seus attributos a bondade.

Logo, necessariamente, tudo o que procede dêle não poderá ser senão o seu *alter ego*, uma perfeição em tudo igual a êle, outro deus.

Mas se, pelo contrario, o mundo criado por deus termina, esse mundo não é perfeito, e, tendo criado uma coisa imperfeita, o proprio deus é imperfeito.

Se, seguindo o raciocinio, o homem pode dejenerar, é que foi criado imperfeito, e, por conseguinte, o autôr dessa imperfeição era, não podia mesmo deixar de ser, imperfeito tambem.

E' verdade que os teólogos pretendem que na sua orijem o mundo e o homem criaram-se perfeitos, e que a dejeneração do homem sobreveiu por sua culpa; mas esta explicação evidencia uma nova prova do absurdo da existencia de deus.

Com effeito, se o homem e o mundo foram perfeitos na sua criação, não podiam alterar-se nem dejenerar, porque a perfeição não pode alterar-se, nem dejenerar, nem transformar se, succeda o que succeder. E se se me sustentam o contrario, se se pretende demonstrar-me que uma perfeição decai ou se altera em um momento dado, terei o direito de crer que deus tambem, apezar da sua perfeição, podia alterar-se ou dejenerar.

Donde resulta claramente que dejenerado e alterado, nem o homem nem o mundo podiam ser, na sua orijem, criados perfeitamente, por ser a perfeição essencialmente inalteravel.

Logo deus os criou imperfeitamente, por ignorancia, por incapacidade ou por animosidade. Logo deus é um ser imperfeito e, por tanto, a ideia de deus é uma ficção.

*Terceiro caso:*— Dizem-nos: «A causa da dejeneração do homem é imputavel a si proprio.»

Um deus é perfeito ou não é. No segundo caso não é deus; no primeiro ha-de ser necessariamente omnisciente. Deste modo, sabia de antemão que o homem havia de de-jenerar num momento dado, pelo concurso de tais ou quais circumstancias; ora bem, sendo um sêr omnipotente ao mesmo tempo que omnisciente, estava tambem em seu poder mudar a marcha dessas circumstancias substituindo-as por outras, e tambem dotando o homem com maior resistencia. Não o tendo feito, e não se produzindo nada que escape á inteliçencia e á vontade divina, o homem devia, mau grado seu, de-jenerar-se totalmente. Mas daqui se conclue que deus, conhecendo esta de-jeneração e sendo capaz de evitá-la, se negou a isso, convertendo-se assim no verdadeiro responsavel, no unico causador dessa de-jeneração humana.

Além disso, sendo deus o tódo, continha em si o bem e o mal, se é verdade que o mal eziste. O homem, parte desse tódo, não podia ser responsavel desse mal que está na natureza desse tódo, portanto, de deus.

Logo deus continha o mal em si mesmo e o transmitia ao homem. Donde se conclue que não é o homem o responsavel pela sua decadencia, mas sim deus, manancial supremo de tudo quanto eziste.

Sendo imperfeita a sua obra, é êle mesmo imperfeito, e não pode, por consequencia, ezistir.

*Quarto caso:*— Dizem-nos: «A alma humana é imortal.»

Se a alma humana é imortal, quer dizer que ezistirá sempre, que não tem fim. Mas se ezistimos sempre, não dependemos de ninguem, somos tambem eternos, tambem infinitos, tambem imutaveis como o proprio deus; por conseguinte, não depende de deus a nossa imortalidade, porque implicando o caso contrario um fim, não seriamos imortais.

Dizer, pois, que somos imortais, quer dizer, que ezistimos sempre, que nenhum sêr poderá eliminar-nos, que ezistiremos independentemente de deus, quer êle queira quer não.

Se, pois, somos imortais, se-lo-emos mesmo contra a vontade de deus; se não o somos, tendo nós sido criados imperfeitos, o nosso criador tambem será necessariamente imperfeito.

Nas duas eventualidades, deus não é mais do que uma ficção, não eziste senão nas imaginações enfermas.

\* \* \*

Poder-se-iam multiplicar os casos, mas os que precedem bastam pãra demonstrar claramente a impossibilidade da ezistencia de um deus.

(Trad. de P. Q.)

## ESPEDIENTE

### Importante

Deixou de fazer parte da *Amanhã*, o companheiro Gracio Ramos, por não poder continuar á testa da sua administração. D'ora avante todos os negocios quer referentes á redação quer á administração desta revista, *exclusivamente* com Pinto Quartim deverão ser tratados

### Pequena correspondencia

*Clara de Souza*: Lisboa — E' com todo o gosto que me apresso a satisfazer a sua curiosidade. Para conhecer a orijem e a evolução historica da familia, queira ler as seguintes obras: *Les orijines de la Societé* por Frederico Engels e *La science sociale* por Herbert Spencer. Como obras de critica á instituição «Casamento» leia *La femme* de Augusto Bebel deputado no Reichstag, e *L'Immoralité du Mariage* folheto de René Gauché. E como esposição do Amor livre e de suas vantagens, consulte *L'affranchissement de la femme* por J. Novicow, membro do instituto internacional de sociologia, *Vers la union libre* de Alfredo Naquet e *L'Amour Libre* por Charles Albert.

Todos estes livros encontram-se traduzidos em lingua espanhola. Esta administração encarrega-se de os mandar vir com rapidez. Mas se a sr.<sup>a</sup> D. Clara de Souza se quizer utilizar dos meus, estão á sua disposição. — Pinto Quartim.

### Orijinal no marmore

Por falta de espaço ficaram compostos pára serem insertos no próximo numero, a conclusão do artigo-resposta ás objecções sobre o amor livre, por Pinto Quartim; um artigo sobre as condições hijienicas da sala de aulas, de Deolinda Lopes Vieira; e *algumas palavras sobre a historia da educação* por Lucinda Tavares.

### Nós e a imprensa

Os jornais de Espanha, França, Italia, Brazil, Argentina e Açores que por estes ultimos correios nos foram entregues, referem-se agradavelmente a obra desprezenciosa em que sinceramente trabalhamos.

O quinzenario pedagogico *A Voz do Professor*, que se publica em Angra do Heroismo, transcreve em fundo o artigo «Sobre educação ntegral» da nossa camarada Deolinda Lopes Vieira, publicado no numero inicial desta revista.

A todos testemunhamos o nosso reconhecimento.

### Aos assinantes

Aos assinantes que teem recebido a nossa revista desde o seu inicio e que satisfizeram já a quantia de 150 reis correspondente a um trimestre, tomâmos a liberdade de prevenir que, com o presente numero, terminam as suas assinaturas, esperando que continuem a dispensar-nos o seu auxilio tão necessario.

As pessoas que teem recebido todos os

exemplares publicados e que não pagaram ainda importância alguma, pedimos apenas o cumprimento do seu dever, enviando-nos até ao fim do mês corrente a importância das suas dívidas para com esta administração; e aqueles que, por circunstâncias penosas, o não podem fazer, que nos avizem para lhes não suspendermos a revista.

### Aos agentes

Aos agentes em dia, esperamos que liquidem o mais depressa que possam as suas contas relativas ao presente mês; e áqueles que, abuzando da nossa confiança, tem recebido a revista desde a sua fundação e ainda não se dignaram satisfazer os seus débitos, prevenimos de que, se, até ao ultimo deste mês, não saldarem as suas contas, vimo-nos forçados a suspender imediatamente a remessa da nossa revista.

A todas as pessoas e coletividades a quem enviámos pela primeira vez esta revista e que a não queiram assinar, pedimos que no-la devolvam antes do aparecimento do número seguinte, do contrario considera-las-emos como nossas assinantes e enviar lhes-emos imediatamente pelo correio o recibo da cobrança de 150 réis, correspondente ao pagamento da assinatura por trimestre.

A devolução do exemplar á nossa administração nenhum dispendio lhes acarretará, pois não é necessario colar nova estampilha. Declarar que não desejam ser assinantes sómente quando se lhes apresenta o respetivo recibo, é, além de um proceder pouco honesto, criar grandes embaraços á existencia desta revista.

---

#### SUMARIO DO NÚMERO ANTERIOR

O POVO E O THEATRO, *José Simões Coelho* — CONSIDERAÇÕES .. ECONOMICAS.. *José Carlos de Souza* — A PEDAGOGIA É A CIENCIA DA VIDA, *Antonio da Costa Oliveira* — AMOR LIVRE E UNIÃO LIVRE, *Pinto Quartim* — ESTRÁTOS E PENSAMENTOS.

---

**Esta administração encontra-se aberta todos os dias das 12 ás 4 horas da tarde.**

---

**O próximo número aparecerá a 1 de Setembro.**

# AMANHÃ

## Revista popular de orientação racional

(Aparece nos dias 1 e 15 de cada mez)

Publicará estudos sociológicos e de educação moderna, contos, poesias, criticas, músicas, canções, retratos, desenhos artisticos, etc., etc.

### Preços das assinaturas

#### Para o continente, Espanha, ilhas e colonias portuguezas:

Serie de 6 números (trimestre) incluindo o importe do correio.....	150
Serie de 12 números (semestre).....	300
Número avulso.....	30

#### Para o Brazil (moeda fraca):

Serie de 12 números (semestre).....	25000
Serie de 24 números (ano).....	45000
Número avulso.....	200

#### Para os outros paizes:

Serie de 12 números (semestre).....	2,50 fr.
Serie de 24 números (ano).....	5 fr.

**Pagamento rigorosamente adiantado** que pôde ser feito em estampilhas continentais—Acresce a despeza da cobrança quando esta se fizer pelo correio.

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia.

Todas as pessoas que nos enviarem directamente uma lista de dez assinaturas *garantidas*, receberão gratuitamente a revista *Amanhã*.

### Ajentes

Acceptam-se em todas as terras onde ainda os não haja, concedendo-se a percentagem de 20 % em cada exemplar e garantindo-se uma assinatura gratuita logo que angariem um número superior a dez compradores, sendo por conta da administração todos os gastos da remessa e devolução dos exemplares.

### Venda de livros

A administração da revista *Amanhã* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Toda a correspondencia quer relativa á administração quer á redacção deve ser dirigida a Pinto Quartim, Rua dos Mouros, 30, 2.ª — Lisboa (Portugal).

*Esta revista encontra-se á venda nas principais livrarias, quiosques e tabacarias do paiz.*